

# Georg Trakl – Salmo

Há uma luz que o vento apagou.  
Há uma taberna, de onde à tarde sai um bêbado.  
Há um vinhedo, queimado e negro com buracos cheias de aranhas.  
Há um aposento que caíram com leite.  
O louco morreu. Há uma ilha do mar do sul  
Para receber o Deus Sol. Rufam os tambores.  
Os homens executam danças guerreiras.  
As mulheres balançam os quadris em trepadeiras e flores de fogo  
Quando canta o mar. Oh, nosso paraíso perdido.

As ninfas abandonaram as florestas douradas.  
Enterra-se o desconhecido. Então cai uma chuva cintilante.  
O filho de Pã surge na figura de um trabalhador rural  
Que dorme ao meio-dia no asfalto em brasa.  
Há mocinhas num pátio com roupinhas pobres que dilaceram o coração!  
Há quartos repletos de acordes e sonatas.  
Há sombras que se abraçam diante de um espelho embaçado.  
Nas janelas do hospital aquecem-se convalescentes.  
Um vapor branco no canal traz sangrentas epidemias.

A irmã desconhecida ressurgue nos sonhos ruins de alguém.  
Descansando na avelãzeira, brinca com as estrelas dele.  
O estudante, talvez um sósia, contempla-a longamente da janela.  
Atrás dele está o seu irmão morto, ou desce a velha escada em espiral.  
Na escuridão dos castanheiros empalidece a figura do jovem noviço.  
O jardim cai a noite. No claustro esvoaçam os morcegos.  
Os filhos do guardião param de brincar e procuram o ouro do céu.  
Acordes finais de um quarteto. A pequena cega atravessa a aléia tremendo,  
E mais tarde sua sombra tateia frios muros, envolta em contos de fadas e lendas sagradas.

Há um barco vazio, que à noite desce o negro canal.

Na sombriedade do velho asilo desmoronam-se ruínas humanas.  
Os órfãos mortos jazem no muro do jardim.  
De quartos cinzentos saem anjos com asas sujas de excrementos.  
Vermes gotejam de suas pálpebras amareladas.  
A praça da igreja está escura e silenciosa, como nos dias da  
infância.  
Sobre solas prateadas deslizam vidas passadas,  
E as sombras dos condenados descem às águas soluçantes.  
No seu túmulo o mágico branco brinca com suas serpentes.

Silenciosos sobre o Calvário, abrem-se os olhos dourados de  
Deus.

**Georg Trakl, De profundis e outros poemas**